

FOLHA DE S. PAULO

95
anos

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 ★ DOMINGO, 21 DE AGOSTO DE 2016 ★ Nº 31.917

EDIÇÃO NACIONAL ★ CONCLUÍDA ÀS 21H24 ★ R\$ 6,00

CVC



Bradesco

FOLHA DE S. PAULO ★ ★ ★

DOMINGO, 21 DE AGOSTO DE 2016

RIO 2016



B7

TOSTÃO Ótimo enquanto durou

O tempo e as incertezas do futebol são muito mais sábios que nossos pretensiosos conhecimentos

A OLIMPÍADA acaba hoje. Foi ótimo enquanto durou. Já está também na hora de terminar. Escrevi esta coluna antes do jogo de ontem, entre Brasil e Alemanha. Não mudei nada. Isso é perigoso.

Independentemente da atuação e do resultado de ontem, nada muda na qualidade dos atletas, do técnico e do futebol brasileiro. A conquista da medalha, especialmente da de ouro, deve ser bastante comemorada. Os jogadores, desde a primeira partida, mostraram comprometimento com as vitórias. A medalha de ouro é importantíssima, mas não é mais importante que as outras medalhas de ouro conquistadas em outros esportes.

Independentemente da atuação e do resultado de ontem, o jogo não tem nada a ver com os 7 a

1 da Copa do Mundo. Isso não deveria nem ser discutido. É um torneio olímpico. A Alemanha não trouxe sequer um atleta que atuou na Eurocopa, além de não estarem presentes vários de seus melhores jogadores com menos de 23 anos. O Brasil ontem era favorito.

Independentemente da atuação e do resultado de ontem, o Brasil mostrou que ainda produz muitos jogadores de talento. A dúvida é se os três jovens da frente serão destaques no time principal e/ou estrelas do futebol mundial. Serão, brevemente, iguais, inferiores ou superiores a outros, como Douglas Costa, Philippe Coutinho, William, que estão bem em grandes equipes e que são sempre chamados para a seleção principal?

Independentemente da atua-

ção e do resultado de ontem, quais jogadores do time olímpico serão chamados por Tite? Além de Neymar, Renato Augusto e Marquinhos são quase certos. Alguns comentaristas disseram, antes do jogo, que o time principal, do meio para frente, deveria ser o olímpico. Estão muito eufóricos e apressados. É totalmente diferente enfrentar uma equipe sub-23 e as principais seleções sul-americanas.

Independentemente da atuação e do resultado de ontem, Luan talvez seja, entre os jovens atacantes, mesmo não sendo o melhor, o mais importante para o time principal, por ter características mais coletivas, trocar mais passes e ser um jogador de conexões. Ele poderia ser o contraponto entre os vários atacan-

tes habilidosos, dribladores e que procuram o confronto individual.

Independentemente da atuação e do resultado de ontem, Tite vai usar a estratégia de sua época no Corinthians, de ter apenas um volante, dois armadores com funções defensivas e ofensivas, um jogador de cada lado (um mais com características de armador e outro mais de atacante, como Neymar), além de um centroavante ou vai adotar a tática olímpica, com dois volantes, um jogador de cada lado, que defende e ataca, e Neymar, livre, o centro das jogadas, formando dupla com outro atacante?

O tempo, as incertezas e os imprevistos do futebol são muito mais sábios que nossos pretensiosos conhecimentos técnicos, táticos e científicos.

COLUNISTAS DA SEMANA Segunda Mariana Lajolo, Paulo Vinícius Coelho e Ronaldo Lemos

FOCO

Árbitro brasileiro do boxe, Rosário vira celebridade na arena e nas redes sociais

LUCAS VETTORAZZO
DO RIO

Nunca antes na história do país um juiz esportivo foi ovacionado como Jones Kennedy do Rosário, 50, árbitro do boxe olímpico no Rio.

Uma ruidosa torcida aguardava, na terça-feira (18), a luta em que Robson Conceição, 24, garantiria ouro inédito para o Brasil. Enquanto ele não subia no ringue, atletas de outros países disputavam a preferência da audiência.

E o público vibrou quando, três lutas antes da final, um

nome brasileiro foi anunciado no microfone: o do árbitro paraense, funcionário do TRE (Tribunal Regional Eleitoral) de Belém e conhecido no boxe apenas como Jones Kennedy. Mas foi o sobrenome Rosário que emplacou.

Pugilistas esquecidos, a festa era para o juiz. "Ih, fodeu, o Rosário apareceu", cantava o público.

Quando ele interrompia a luta, a torcida comemorava. "Ahh, Rosário é melhor que Neymar." Quando repreendeu um atleta, a festa foi geral. "1, 2, 3, 4, 5 mil, quem

manda nessa porra é o Rosário do Brasil."

Ironicamente, a torcida brasileira, que nesta Olimpíada já vaiou o presidente interno Michel Temer, atletas de outros países e até hinos estrangeiros, resolveu acolher a figura à qual raramente dispensa seu carinho. "Fiquei feliz em ter caído nas graças da galera. Estou sendo o centro das atenções", disse à Folha.

O juiz suspeitou que tinha virado celebridade quando as filhas adolescentes lhe contaram dos vídeos que circulam nas redes sociais. A ficha

caiu quando, no dia seguinte, foi passear com dois colegas em um shopping da Barra da Tijuca. Como não conseguiu um táxi, foi de BRT.

"Um cara me parou e disse: 'Rapaz, tu não é o Rosário?' E depois tiramos uma selfie dentro do ônibus." Ele foi chamado a participar do programa "Balada Olímpica", da Rede Globo, e deu entrevista à ESPN em espanhol.

A nova celebridade não é propriamente desconhecida no boxe. Único árbitro brasileiro em Londres-12, já trabalhou em seis Mundiais, dois Pan-Americanos e oito Sul-Americanos. O juiz faz uma média de duas viagens por mês pela Aiba, a associação que controla o boxe olímpico e outras duas ligas.



Jones Kennedy Rosário atua na semifinal do peso médio

Marcelo Machado de Melo/Fotogramas/Folhapress